



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo Temático 1 – Educação, diversidade cultural e processos de produção de desigualdade.

NOS PORÕES DO CURRÍCULO OCULTO: A PRÁTICA DO BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR.

Mázio Miguel Silva dos Santos – FAFICA.

Resumo

No seriado televisivo “Glee”, especialmente, no 18º episódio da 2ª temporada, intitulado de “Born This Way”, traz à tona a temática de si aceitar como é. A trama põe em disputa uma miscelânea de identidades, algumas das quais sofrem Bullying. Se considerarmos que o currículo oculto constrói e estabelece padrões identitários. Então, algumas identidades são oprimidas e excluídas. Como toda construção, a relação de poder está explícita. O que nos interessa neste artigo é entender de que forma o currículo oculto contribui para a prática do “bullying” no âmbito escolar. Tomar o seriado televisivo como ponto de partida dessas reflexões é atentar para as dimensões inseparáveis entre ficção e realidade. É perceber como em documentos históricos, como a televisão, as questões prementes da nossa cotidianidade se fazem presente.

PALAVRA-CHAVE: Bullying, Cotidiano, Currículo oculto.

INTRODUÇÃO

As temáticas vinculadas ao “bullying” cada vez mais se tornam centrais nas discussões que giram em torno das diferentes subjetividades envolvidas no processo educativo. As singularidades de alunos/as, professores/as afloram e, em busca de afirmação, muitas vezes estabelecem relações violentas que se efetivam nas esferas psicológicas e/ou física. O termo “bullying”, – palavra inglesa de difícil tradução para o português – é o mais popular. Dan Olweus, pesquisador Norueguês, foi o primeiro a desenvolver o conceito em meados da década 1980 e chamou de “mobbing” que se

refere à violência física ou psicológica, intencional, repetitivos e com desigualdade de poder exercida nos mais variados locais, em especial, nas escolas e entre alunos.

Problemática essa tão antiga quanto à escola. Essa prática cria transtorno incalculável na vida daqueles que sofrem essa violência, podendo se tornar indivíduos com baixa autoestima, sem expectativa de vida, depressivos etc. Na maioria dos estudos sobre o tema, percebe-se uma ênfase nas relações entre discentes como se o “bullying” ocorresse apenas entre os alunos, mas, alguns registros (filmes, literatura, por exemplo) expõem condutas de “bullying” que partem dos docentes. Assim, dentro da esfera escolar, todos os agentes podem ser praticantes dessa violência.

O motivo pelo qual o “bullying” se manifesta está intimamente ligado ao contexto sócio-histórico. Como a educação está inserida em um amplo contexto político, econômico, social e cultural, esse tipo de violência é tensionado no âmbito escolar por diversos caminhos, principalmente, através do currículo oculto¹ que constroem inter-subjetividades. Para Jurjo Torres Santomé, essas esferas acabam direcionando as práticas ordinárias dos alunos. Nas suas palavras,

Las instituciones educativas no están localizadas en un escenario ahistórico e asocial, sino que es el contexto social, cultural y económico en donde se ubican, el que condiciona de una manera decisiva la orientación y el valor de todo lo que tiene lugar en las aulas. De este modo, la construcción de las intersubjetividades por parte de los participantes en los procesos de enseñanza y aprendizaje va a estar condicionada por el cruce de variables contextuales como son la pertenencia a un determinado grupo o clase social, sexo, raza y/o nacionalidad. (SANTOMÉ-1998).

Por mais que o currículo oculto não seja propriamente uma teoria, de acordo com Tomaz Tadeu, sua influência na construção intersubjetiva dos indivíduos gera um campo de disputa pelo poder da sala e/ou do colégio, ou ainda, por padrões estabelecidos pela sociedade. Quando as diversas identidades emergem para o campo da

¹ Entendemos, a partir de Tomaz Tadeu Silva, que currículo oculto “é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explicito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes.” Silva chama atenção para especificar “quais são esses aspectos e quais são essas aprendizagens.” Os aspectos (que ressaltamos) são as “relações sociais da escola: as relações entre professores e alunos, entre alunos e alunos.” Os tipos de aprendizagens (que ressaltamos) são “atitudes e valores próprios de outras esferas sócias (...) e também as dimensões do gênero, da sexualidade ou da raça. Aprende-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, (...) bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia.” (SILVA-2000).

disputa acaba segregando a sala/colégio que é guetizado. Assim, muitos conflitos começam a levar a marca do bullying.

Com esse contexto em mente, partimos para a análise do audiovisual como documento histórico, isto é, como um produto, uma imagem-objeto. Nosso objeto de análise será o seriado televisivo intitulado de “Glee”, um musical estreado no ano de 2007 nos Estados Unidos que está na sua terceira temporada, que retrata o cotidiano escolar de um coro, enquanto seus membros passam por situações que exumam questões de bullying, gênero, relacionamento, sexualidade, enfim, questões sociais, tanto dentro da escola, quanto fora.

Mais especificamente, analisaremos o episódio 18º da 2ª temporada chamado de “Born This Way”, a trama se dá após Finn (quarterback), acidentalmente, quebrar o nariz de Rachel no treinamento de dança do grupo. Paranóica com a estética do seu nariz, Rachel pretende fazer uma plástica. Isso faz desencadear nos outros membros vontades de mudarem algo. Will Schue (professor) usa a música de Lady Gaga (Born This Way) para ajudar os membros do clube a se aceitarem como são. Paralelamente, está acontecendo à competição para escolher o rei e a rainha do baile. Lauren (uma gordinha) e Noah (Puck e Judeu) passam a competir com Finn (quarterback) e Quinn (uma líder de torcida, dada como a mais bela da escola – Branca, loira e magra) para ser a rainha do baile. Santana (uma homossexual) descobre que Karofsky (popular jogador de futebol americano do colégio) também é homossexual. Usa esse segredo para formar um casal e ela (Santana) ter uma chance de torna-se a rainha do baile. Os dois decidem criar um grupo contra o bullying, chamado de “os chicotes do bullying”, que irá patrulhar a escola.

Esse episódio traz a tona diversas identidades que se digladiam. O que nos interessa é entender de que forma, o currículo oculto contribui para a prática do “bullying” no âmbito escolar. Tomar o seriado televisivo como ponto de partida dessas reflexões é atentar para as dimensões inseparáveis entre ficção e realidade. É perceber como em documentos históricos, como a televisão, as questões prementes da nossa cotidianidade se fazem presente.

CAMINHO TEORICO-METODOLÓGICA: MUNIÇÃO PARA COMBATER

O campo cultural é complexo por ter um excesso de opções. Podemos elencar três grandes grupos: os estudos culturais (Stuart Hall, E.P. Thompson, Raymond Williams); Circularidade de cultura, isto é, articulação da cultura erudita com a popular (Michail Bakhtin, Carlo Ginzburg); E cultura como texto (Roland Barthes, Paul Ricoeur, Clifford Geertz).

Cada campo se imbrica um no outro e ainda, com outras teorias das mais variadas ciências. Isso porque teorias são armas que o cientista se equipa para combater seus monstros.

Teorizar significa responder a enigmas e lidar com o impacto de novos movimentos sociais. O trabalho teórico é um corpo-a-corpo com outros teóricos, sua autoridade e seus discípulos, sua história e mudanças de rumo. É um jogo agonístico, mas não é mera brincadeira, pois é fundamentalmente útil na busca de respostas a questões complexas que grupos e sociedades enfrentam. Pois, para Hall, o social ainda existe, sim, e como Deleuze, ele entende que as teorias são caixas de ferramentas a serem usadas em seu benefício. (SOVIK-2003).

Para este artigo, as armas principais serão os estudos culturais. Entendido aqui como uma formação discursiva, no sentido foucaultiano do termo. “abarcam discursos múltiplos, bem como numerosas histórias distintas. Compreendem um conjunto de formações, com as suas diferentes conjunturas e momentos no passado”. (SOVIK-2003). Mas, até chegar nesse conceito, os estudos culturais sofreram mutações importantes na sua construção. Dessa forma, mostrar um pouco de sua evolução implica em ampliar e potencializar essa arma.

A sua evolução está intimamente ligada a noção de cultura. Primeiro, temos o culturalismo, representado por Thompson e Williams. Esta vertente nos estudos culturais foi interrompida com a chegada dos estruturalismos ao cenário, que se articularam em torno do conceito de ideologia. Mas, não duraram muito, certas questões ficaram turvas para os estruturalistas, como tratar da linguagem, por exemplo. Forçando uma nova abordagem, entrando no palco os pós-estruturalistas.

Contrastando os estudos culturais com as ideias marxistas, percebe-se um desencaixe entre eles. As coisas que Marx não falava, eram justamente, os objetos dos estudos culturais, como: cultura, ideologia, linguagem, simbólico.

Essas questões fizeram Stuart Hall identifica diversas identidades que atravessam os sujeitos. Assim, o fator da identidade se torna protagonista nas pesquisas. No seu livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, essa pluralidade anuncia a morte do sujeito Cartesiano para o nascimento do sujeito pós-moderno. Argumenta que cinco fatores causaram o descentramento do sujeito, são eles: às tradições do pensamento Marxista; às ideias de Freud, mormente, a descoberta do inconsciente; O trabalho do linguista estrutural, Ferdinand de Saussure; Os trabalhos de Michel Foucault; e o impacto do feminismo. As questões de identidade são “mudanças conceituais através das quais, o ‘sujeito’ do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno.” (HALL-2003).

Esse sujeito descentrado foi ao passo dos estudos se metamorfoseando. Ocorreram duas interrupções no trabalho dos no centro dos estudos culturais, da universidade de Birmingham, na Inglaterra. Primeiro em torno do feminismo. A segunda, questões de raça.

A primeira interrupção ocorre quando os cientistas, homens, chamam as mulheres para participar dos debates. Geram cinco rounds ferozes entre homens e mulheres. Estavam em pauta as seguintes coisas:

Primeiro, a proposição da questão do pessoal como político. (...) Segundo, a expansão radical da noção de poder, que até então tinha sido fortemente desenvolvida dentro do arcabouço da noção do público, do domínio público, com o resultado de que o termo poder – tão central para a problemática anterior da hegemonia – não pode ser utilizado da mesma maneira. Terceiro, a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder. Quarto, a abertura de muitas questões que julgávamos ter abolido em torno da área perigosa do subjetivo e do sujeito, colocando essas questões no centro dos estudos culturais como prática teórica. Quinto, a reabertura da ‘fronteira fechada’ entre a teoria social e a teoria do inconsciente – a psicanálise. (HALL-2003).

Esse contato com o feminismo abriu, sem dúvida, um novo olhar para as relações de poder. Pois, “falar de abrir mão do poder é uma experiência radicalmente diferente de ser silenciado” (HALL-2003).

Com esse arcabouço montado, quando nos debruçamos sobre a realidade. Explode diversas identidades que estão constantemente em combate. As sociedades (re)produzem seus modelos, acabam produzindo também seus estranhos. Para Zigmunt

Bauman, os estranhos são aqueles que geram incertezas, apagam as linhas de delimitação. Aqui o estranho não é o outro, pois o outro é conhecido. O outro é o não-eu. O homem é o outro da mulher, é uma oposição binária. Já “os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três.” (BAUMAN-1998). Os estranhos acabam com a vertente binária por eles serem a terceira opção.

A terceira opção expõe que a identidade é algo móvel, mutável. E não fixo. Quem melhor define essa questão é Kathryn Woodward, ao analisar o conceito de identidade, definindo em dois tipos, um de caráter essencialista, (que a autora critica) e outra não-essencialista. A primeira sugere que “existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos partilham e que não se altera ao longo do tempo.” Já a segunda focaliza “as diferenças, assim como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os pares quanto os diferentes e outros grupos”. (WOODWARD-2009).

Dessa maneira, cada sociedade produz certos padrões de beleza, de masculinidade, de feminilidade, etc., que são impostos por mecanismo sociais. Revelando um imbricamento entre identidade e poder.

AS IDENTIDADES REVERBERADAS PELO CURRÍCULO OCULTO EXUMAM A PRÁTICA DO BULLYING

Quando nos voltamos para o ambiente escolar. Percebemos reflexos (identidades, símbolos, costumes, hábitos, etc.) do local impregnados no sistema escolar, que é reproduzido por quase todos os que compõem a educação. Como esses padrões e/ou modelos chegam às escolas? Um tanto quanto autoritariamente, dizemos que um desses caminhos é o currículo oculto que dissemina esses reflexos. O currículo exerce uma disciplina (controle, sujeição) para a reprodução do sistema. Essas práticas quando analisadas, demonstram uma massa de silenciados que reproduz o sistema. Mas, não são fieis a eles. Eles usam táticas para driblar o sistema, não o confrontam, apenas boicotam.

Ao analisar o documento, o primeiro contraste observado se compararmos o seriado com as nossas escolas será as vestimentas. Não há um fardamento escolar, que homogeneíze, a priori, os alunos. Pelo contrário, há fardamentos de clubes, jogadores, líderes de torcida, grupo social que distingue os grupos e os segregam. Nas nossas escolas o fardamento produz, a priori, certa homogeneização dos alunos. Torna-se um símbolo de pertencer à escola, assim como outros símbolos. Aparentemente, não há diferença entre os alunos. Essa camuflagem se dá pelo fato da disputa se instalar em campos simbólicos que são enxertados no corpo. É um corte de cabelo diferente, um Piercings, algo que não vá de encontro com o poder, é apenas uma antidisciplina, para usar o termo descrito por Michel de Certeau. É no corpo que as disputas identitárias que, por vezes, são contraditórias, se digladiam. Nesse ponto o seriado e nossas escolas se assemelham.

É o caso do personagem Karofsky, um popular jogador de Futebol americano da escola, possui bastante força física, é rude, mal educado, enfim, um símbolo masculino para os outros. Mas, guarda um segredo, é homossexual. É através do esporte que Karofsky ganha seu status dentro da escola, o de ser uma estrela. Como o Futebol Americano define um modelo de masculinidade. Mostrar essa identidade reprimida, o de ser homossexual, acabaria com seu status no âmbito em que está inserido. Seria excluído intencionalmente, sofreria agressões psicológicas através de “brincadeiras”, apelidos. E sozinho, não conseguirá deixar de sofrer a agressão por haver uma desigualdade de poder, que é imposta pelo esporte através do currículo oculto, configurando uma prática de bullying.

Gilles Lipovetsky observa que o esportista antes carregava certa moralidade, um conjunto de valores para serem ensinadas as massas. Agora, “passou a ser espetáculo de diversão cujo objetivo exclusivo é prender a atenção de um público sempre mais numeroso.” (LIPOVETSKY, 2005, pág. 91). O espetáculo nos oferece o símbolo daquilo que, precisamente, vai além das nossas capacidades ordinárias. É justamente, neste aspecto que a identidade masculina reprime as outras. Quando comparamos Karofsky com Finn (Quarterback) que resolve entrar para o grupo musical da escola, percebemos que, mesmo este sendo o líder do time, isto é, o símbolo de maior destaque do futebol, não impede que seja atacado por seus colegas de time quando assume uma identidade “inferior” (a de cantor) nas horas dedicadas ao grupo musical. Para manter a disciplina dos padrões, o time de futebol, atribui a si mesmo, o caráter de “vigiar e punir” que fornece, aos olhos do bully, uma “permissividade” para praticarem o bullying.

Outro caso observado é o “estar na moda”. Levam, principalmente, as mulheres a quererem modificar algo no corpo. É imposto pela sociedade certo modelo. Quando Rachel anuncia ao grupo que irá fazer uma plástica no nariz, usando a desculpa de melhorar a voz. Santana começa uma discussão apoiando a mudança no corpo,

Santana: Poderíamos apenas cair na real um pouco? Escutei que a Rachel tem meio que uma napa. Eu não saberia por que, como a medusa, evito contato visual com ela. Mas podemos apenas parar de mentir sobre como não há coisas que mudaríamos em nós mesmos? Tenho certeza que Sam já foi ao médico e vasculhou panfletos de redução de boca. (...) E tenho certeza que Tina procurou um despuxador de olhos.

Tina (asiática): Isso foi muito racista.

Santana: Estou falando a verdade.

Tina: Desculpe Santana. Sou uma pessoa bonita. Sou apaixonada por mim e não mudaria nada.

Mike: É, por isso está usando lentes de contato azuis hoje?

Tina: Não existem muitos asiáticos gostosos, Mike. Tento estar na moda e me espelho no que vejo nas revistas. (...)

Professor Schue (horrorizado com seus alunos): Digo a vocês, a coisa que você mais gostaria de mudar é a parte mais interessante em você.

Mercedes: Talvez, mas aqui na escola a coisa que te faz diferente é o que usam para esmagar o seu espírito. (GLEE, Alfonso Gomez-Rejon, 2011).

O se espelhar se torna palavra de ordem, isto, porque é a visão do dominante. Estes têm interesses em apreciar a diferença, porque é nesse fator que legitimam seu poder. Já ser diferente para os dominados é algo que inferioriza. Essa visão está representada no início do episódio, principalmente, na visão de Mercedes. Há um

espelho construído pelo currículo oculto em que reprime a diferença. Como disse Mercedes “aqui na escola a coisa que te faz diferente é o que usam para esmagar o seu espírito”. A “coisa” só se torna diferente quando alguém institui como tal. A “coisa” é estigmatizada através de uma relação de força.

O professor Schue, preocupado com a falta de aceitação de si dentro do grupo. Cria a tarefa da semana do grupo baseado na aceitação de si mesmo.

Professor Schue: Para nos ajudar na tarefa dessa semana. Esse é o único clube na escola que é representado por quase toda raça, religião, orientação sexual e panelinha, mas muito de vocês ainda têm dificuldade com aceitação.

Aluna: Loucura, Sr. Schue. Nós nos amamos.

Professor Schue: Não negarei que aceitam uns aos outros, mas vocês não si aceitam. A tarefa dessa semana tem duas partes. Quero que todos cantem canções sobre si aceitar por quem são: as melhores e piores partes.

Aluna (Rachel): Qual é a segunda parte?

Professor Schue: Bem, faremos um número em grupo da rainha do amor-próprio, Gaga. Vamos apresentar seu hino de aceitação: “Born This Way”. (GLEE, Alfonso Gomez-Rejon, 2011).

Uma das participantes do grupo, a Quim, não se interessa muito pela tarefa por achar “besta” e menospreza, apoiando Rachel a fazer à plástica, já que seu nariz será o modelo para a operação. Esse desprezo pela tarefa está no fato da Quim está dentro e ser o “modelo” “estabelecido” pela sociedade. No “Glee” o modelo de beleza feminina está representado por ela. Seu porte físico atlético, magra, branca, loira, cabelos lisos com breves cachos nas pontas, nariz afilado, enfim, é construído um fenótipo que a escola reproduz através da escolha da rainha do baile. A mesma coisa acontece com o ser masculino na escolha do rei. Os que não se encaixam nesse modelo são inferiorizados e excluídos, ou melhor, parafraseando Norbert Elias, serão os “outsiders”. O baile mostra sua importância quando Quim tenta convencer seu namorado (Finn) a competir para serem os reis. Ela diz: “Temos que ser os reis do baile. É o maior símbolo social.” (GLEE, Alfonso Gomez-Rejon, 2011). Mais que isso, os reis se tornam uma inspiração.

CONCLUSÃO

O grupo musical apresentado pelo “Glee” é uma classe que tem quase toda raça, religião, orientação sexual, etc. Boa parte dos alunos antes de participarem do grupo eram estigmatizados, rejeitados, estereotipados, enfim, os outsiders da escola. Grupos hegemônicos como o time de futebol, as líderes de torcidas, ditavam “modelos” a serem seguidos. Taxavam os outros como exóticos. Para saírem desse rotulo, bastavam se assemelharem a eles.

A partir da música e com o apoio do professor, os “exóticos” ganharam voz e poder dentro da escola. A partir disso, não tentaram tomar o poder e ditar “novos modelos”. Ao invés disso, corresponderam aos olhares, fazendo-se de “exótico”. A identidade e alteridade começaram então a andar de mãos dadas. A diferença, depois de realizarem a atividade da semana, não é mais o preocupante, até se clama por ela. A música (Born This Way) e o trabalho da semana do grupo já esboçam esse fato. Encontraram no trabalho uma terceira opção (fazer-se de exótico), quebrando os olhares entrecruzados entre padrões da sociedade e identidade individual.

Quando os alunos se deram conta dos “modelos” impostos pela sociedade. O currículo oculto perdeu sua função. Para Tomaz Tadeu Silva,

A ideia é que uma análise baseada nesse conceito permite tornamo-nos conscientes de alguma coisa que até então estava oculta para a nossa consciência. A coisa toda consiste, claro, em desocultar o currículo oculto. Parte de sua eficácia reside precisamente nessa sua natureza oculta. O que está implícito na noção de currículo oculto é a noção de que se conseguirmos desocultá-lo, tornar-se-á menos eficaz, deixará de ter os efeitos que tem pela única razão de ser oculto. (SILVA-2000).

O currículo perde sua eficácia pelo fato dos alunos não se sentirem mais inferiores, se aceitam e se fazem de “exóticos”. E mais, despertaram a consciências de uma relação de poder implícita no cotidiano. Nesse sentido, ao analisarmos a passagem em que Rachel anuncia sua decisão, a de fazer à plástica, mostrando uma foto sua para o grupo para esboçar como ficará seu nariz. Tina relata sua opinião, demonstrando essa passagem de “inconsciência” para o ser “consciente”. Quando diz,

Tina: Achamos que é uma péssima ideia.

Rachel: Certo. Olhos azuis, você é uma hipócrita.

Tina: admito, sim. Não gosto dos meus olhos às vezes. O formato, a cor. Mas seu ódio interno, Rachel, me ajudou a ver a luz.

Rachel: Eu me amo.

Tina: não o suficiente, sério. Ao fazer uma plástica no nariz, mudar os olhos, esconder as sardas, você está anunciando para o mundo “eu não gosto muito de mim”. Os dramas dessa semana me fizeram perceber que se não tenho símbolos sexuais asiáticos para me espelhar, eu tenho a obrigação de talvez me tornar um. Meu novo mantra é: seja a mudança que quer ver no mundo. (GLEE, Alfonso Gomez-Rejon, 2011).

Assim, a “consciência” que Tina e o grupo “Glee” auferi ao término do episódio, faz o currículo oculto se (re)significar para ocultar-se novamente. Embora, algumas práticas possam sair do currículo oculto para o currículo oficial. É o caso do bullying, ao fazerem um projeto para combatê-lo. No “Glee” o projeto é chamado por Karofsky (um ex-bully) de “os chicotes do bullying”. Trazendo para nossa realidade, essa exumação acontece através de dois projetos de lei no Estado de Pernambuco. Um 340/2007 e outro 1.228/2009. O primeiro põe o poder executivo autorizado a instituir campanhas de combate ao bullying de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas. O segundo pretende inserir no currículo escolar o combate ao bullying. No Brasil, Cléo Fante, desde 2000 vem desenvolvendo pesquisas nessa área e cria um modelo, baseado no de Dan Olweus, chamado “programa educar para a paz”. Traz, justamente, um programa que pode ser inserido no currículo escolar.

O combate ao bullying se mostra complexo, pois o currículo oculto está em constante mudança. Além de outros fatores que contribui para tal violência. Como o currículo é uma relação de poder. Fazer-se de estranho para corresponder aos olhares, demonstra uma alternativa para combater os “iguais”.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2º ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8º Ed. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 2003.
- HALL, Stuart. **Estudos culturais e seu legado teórico**. In: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais/ Stuart Hall*. Belo Horizonte: Editora UFMG: representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais/ Stuart Hall**. Belo Horizonte: Editora UFMG: representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética dos novos tempos democráticos**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **El Curriculum Oculto**. 6º ed. Madrid: Morata, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Teorias do currículo: uma introdução crítica**. Porto: Editora Porto, 2000.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda., 2000.

FILMOGRAFIA

- Glee – Born This Way**. Diretor: Alfonso Gomez-Rejon. Escritor: Brad Falchuk. Emissora: Fox. Exibido: 26 de abril de 2011. (2º temporada, 18º episódio).